



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

EXPERIÊNCIAS E RELAÇÕES: FORMAÇÃO DOCENTE E OBJETOS RELACIONAIS EM BUSCA DE PROCESSOS SENSÍVEIS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO

Mariane Olimpio Farias

marianeolimpio.f@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Daniele de Sá Alves

danieledesaalves@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo

Diante de um contexto pandêmico, este texto partilha percepções e reflexões acerca das experiências vivenciadas no âmbito escolar por meio da disciplina "Análise e Prática do Estágio Supervisionado III". Considerando o retorno das aulas presenciais e refletindo sobre os impactos sofridos pelo isolamento social, a experiência docente vivenciada por meio de uma proposta de intervenção artístico pedagógica teve como foco de investigação os "*Objetos relacionais*", propostos pela artista Lygia Clark. Nesse sentido discute-se relações e experiências no âmbito da formação docente em artes, friccionando as identidades de professora, artista e pesquisadora em busca de processos sensíveis na arte e na educação.

Palavras-chave:

Arte educação; formação docente; experiência; objetos relacionais.

Abstract

Facing with a pandemic context, this study shares perceptions and reflections on the experiences lived in the school environment through the "Análise e Prática do Estágio Supervisionado III" discipline. Considering the return of face-to-face classes and reflecting on the impacts suffered by social isolation, the teaching experience lived through a proposal of pedagogical artistic intervention was focused on the "*Objetos relacionais*", proposed by the artist Lygia Clark. In this regard, relations and experiences in the context of teacher education in the arts are discussed, rubbing the identities of teacher, artist and researcher in search of sensitive processes in art and education.

Keywords:

Art education; teacher training; experience; relational objects.

Desde março do ano de 2020 temos vivenciado algo totalmente inédito, o avanço da pandemia, provocado pelo SARS-CoV-2, obrigou um isolamento social levando as instituições de ensino a adotarem o chamado "Ensino



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Remoto Emergencial" (ERE). Dentre os muitos desafios que a educação já enfrentava, vimos tantos outros surgirem. Em tempos de ensino remoto, foi preciso então, virtualizar as relações. Além da tentativa de uma adaptação a uma nova plataforma "entre telas", questões basilares do ensinar e aprender foram colocadas em questão. Docentes e discentes reinventando suas rotinas pedagógicas, redescobrimo outros modos de estudo e interação em uma estrutura de ambiente escolar entre as possibilidades domésticas.

Em arte, o desafio nos pareceu ainda maior. Passamos a nos questionar como provocar experiências significativas "entre telas"? Como construir espaços de afetamentos diante da presença de corpos ausentes? Qual o lugar da arte em tempos pandêmicos? Como potencializar processos investigativos em arte diante dos desafios de ensinar e aprender remotamente? Nesse momento, problematizar, revisitando nossas "certezas" (KASTRUP, 2016), foi um importante movimento para reinventar os processos criativos e criadores em arte.

Imersão escolar pós-pandêmica: investigações em reencontros

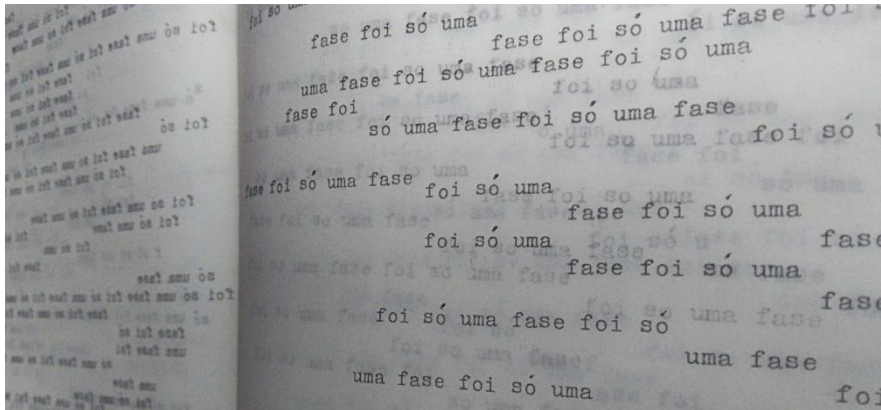
Com o avanço da vacinação, foi possível retornar, gradualmente, aos encontros presenciais. Inicialmente adotando o "Ensino Híbrido Emergencial" (EHE) e em 2022, retornando totalmente ao modo presencial. Embora a expressão mais comum tenha sido "voltar ao normal", esse retorno, pós-pandemia, tem imposto uma série de desafios, prevenções e protocolos. Neste contexto, também, encontra corpos mascarados ainda imperativos de isolamento, distanciamento com risco iminente de contaminação e adoecimento. Como esses corpos, adultos e infantis, retornam à escola após dois anos de ensino remoto? Quantas e quais experiências são trazidas para o ambiente escolar pós-pandemia? Como (re)constituir o ambiente escolar com medidas de distanciamento social, desinfecção e máscaras faciais? Como essa experiência também afeta educadores, artistas e, reverbera propriamente, nos processos artístico-pedagógicos? Desejamos a cada dia acreditar em uma



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

pandemia passageira, tentando frear a ansiedade e firmando o pensamento positivo. Para isso, tomamos de empréstimo uma página do livro de artista, de 2017, da artista / professora / pesquisadora Mariane Olimpio, como num prenúncio mântico, firmando e reafirmando "... foi só uma fase...".



Livro de artista - Foi só uma fase (2017). Autora: Mariane Olimpio.

Fonte: Acervo da autora.

A experiência da pandemia suscita muitas tensões e contrastes em todas as dimensões, sejam elas sociais, culturais, econômicas (...) esse todo, inevitavelmente, tem nos atravessado, provocando afetamentos, criando marcas e cicatrizes profundas. No campo da educação, essencialmente, nossas concepções de ensino-aprendizagem exigiram revisão, ajuste, transformação, reinvenção, especificamente no campo das artes. Nesse contexto, retomamos as palavras de Dewey que nos provocam a refletir sobre os fluxos da vida.

A própria vida consiste em fases nas quais o organismo perde o compasso da marcha das coisas circundantes e depois retoma a cadência com elas - seja por esforço, seja por acaso fortuito. E, em uma vida em crescimento, a recuperação nunca é mero retorno a um estado anterior, pois é enriquecida pela situação de disparidade e resistência que atravessou com sucesso. Quando o abismo entre o organismo e o meio é grande demais, a criatura morre. Quando sua atividade não é favorecida pela alienação temporária, ela simplesmente subsiste. A vida cresce quando o descompasso temporário é uma transição para um equilíbrio mais amplo das energias do organismo com as das condições em que ela vive.

(...) O equilíbrio não surge de maneira mecânica ou inerte, mas a partir e por causa da tensão (DEWEY, 2010, p. 75 - 76).



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Ao contrário do que sugere uma tensão propulsora de transformações, o imperativo retorno presencial, não diferente do que foi o isolamento social, tem forçado outras relações que tange também à saúde mental.

Com a formação da licenciaturaⁱ em curso, um novo período de estágio curricular supervisionadoⁱⁱ foi iniciado. Inseridas na escola, vivenciamos de perto esse retorno pós-pandemia. Poucos meses após o início do ano letivo, iniciam as semanas de prova e os simulados. Nas famílias, muitas cobranças para uma “reposição”, entendendo que o ensino remoto foi um tempo perdido. Adolescentes, estudantes do ensino médio, ainda enfrentam a escolha do percurso acadêmico como a grande decisão de suas vidas. Neste momento, mais uma vez nos questionamos: Quais os lugares da arte nesse contexto? Como a potência da arte pode reverberar de modo a provocar novos pensamentos, sentimentos e atitudes nos estudantes? Aqui, mais uma vez retomamos a imagem do livro de artista “foi só uma fase” (2017), mas não mais como (re)afirmação, mas como dúvida. Esse período que estamos vivendo trata-se apenas de uma fase? O que tem reverberado em cada um de nós?

Sobre uma experiência estagiária / educadora / artista / pesquisadora

Afetada por todas as questões que envolvem esse momento de retorno presencial e pela experiência no acompanhamento das aulas, foi pensada uma proposição artístico pedagógica como intervençãoⁱⁱⁱ da estagiária na turma acompanhada. O desafio buscou contribuições da arte para lidar com as angústias trazidas pelos estudantes, demanda sugerida pela professora supervisora do estágio em função do alto número de casos de tentativas de autoextermínio na escola.

A regência da professora em formação é requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada e é uma oportunidade de elaborar e propor práticas artístico pedagógicas que façam sentido tanto para a turma acompanhada, quanto para a graduanda como estagiária artista / proponente. Assim, os “Objetos relacionais”, obra fronteira proposta pela artista mineira, Lygia



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Clark^{iv}, influencia a proposta de intervenção e torna-se objeto de pesquisa através da arte.

Os “*Objetos relacionais*”, como o próprio nome sugere, só fazem sentido na relação com o sujeito. Assim, para discutir sobre esse trabalho, não bastaria apresentá-lo de modo unilateral e apenas visual, foi necessário reconstruir esses objetos para experimentação.

Elaborada para acontecer em dois encontros, a proposta parte da experimentação dos objetos, para uma discussão acerca das questões que a obra/experiência suscita. Para isso, no primeiro dia, a disposição das carteiras foi alterada para que a sala pudesse ser ocupada de outro modo. Os estudantes foram convidados a se sentarem no chão formando um grande círculo em torno dos objetos dispostos no centro da sala. Após contextualização sobre o encontro e tema que seria abordado, cada estudante recebeu um saco plástico, sendo orientados a enchê-lo com ar e dar um nó, formando uma espécie de balão. Nesse primeiro momento, foi orientado que experimentassem esse objeto individualmente como quem o conhece pela primeira vez: apertar, abraçar, passar no rosto, no pé, jogar pra cima, pegar de volta, sentir o cheiro, passar nos ombros, equilibrar na cabeça...



Intervenção mediada pela estudante Mariane Olimpio no encontro presencial da disciplina Análise e Prática do Estágio Supervisionado III. Prof. Dra. Daniele de Sá Alves na Faculdade de Educação/UFMG. Junho de 2022. Fonte: Acervo da autora.



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Em seguida, foi entregue uma pequena pedra para cada um, informando que esses objetos compõem a obra “Pedra e Ar” (1966) de Lygia Clark. Tendo como referência a proposta “Respire comigo” (1967), da artista, com o uso desses objetos, posto a pedra sobre uma das extremidades do saco com ar, foi proposto um exercício de respiração, onde deveriam deixar a pedra afundar no saco com ar no ato da inspiração e levar a pedra até o topo, na expiração. Inspira, afrouxa a pega no saco plástico e a pedra afunda ao centro do objeto, expira, aperta um pouco mais o balão e a pedra sobe. Se não concentrar a pedra quase cai: inspira... expira.... inspira.... relaxa... expira... tenciona... inspira... expira... Esse momento introduziu o próximo exercício, com o desafio de recriar a experiência de Lygia com seus “pacientes”^v na “Estruturação do Self” (1976). Em dupla, uma pessoa ficaria deitada e a outra usaria os objetos relacionais em seu corpo provocando experiências sensoriais. Após experimentarem os objetos, dos dois modos propostos, os estudantes foram convidados a partilharem suas experiências.

Nesse primeiro encontro, os relatos partilhados se apresentaram de duas maneiras: em associações às experiências já vivenciadas concretamente, como o som da chuva ou de uma queda d'água em uma cachoeira; ou de experiências totalmente inusitadas, como se um bicho caminhasse sobre seu corpo. Essa primeira conversa sobre afetações e inquietações de cada um nos exercícios também foi acompanhada de muitos risos por debaixo das máscaras. No final, foi solicitado para o próximo encontro, uma breve anotação sobre a experiência, dado que teriam um tempo para a reelaboração e que aquela conversa seria retomada.

No início do segundo encontro foram entregues cinco frases para diferentes estudantes da turma, essas frases compunham um pequeno texto que deveria ser lido ao final. No verso, um número indicava a ordem de leitura. Após a orientação, os estudantes foram provocados a compartilharem suas experiências do primeiro encontro. Assim, relataram que foi um momento de “experimentar uma outra intimidade”, seja no contato com o outro, que toca seu



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

corpo por meio dos objetos relacionais e intimidade consigo mesmo, dado que esse momento convoca um retorno para si. Esse retorno também provoca uma “memória do corpo”. Também foi necessário uma entrega, estabelecendo uma relação de confiança com o propositor, o que expõe o “receptor” ao risco. Assim, o riso durante a experimentação, também pode ser uma “resposta” ao estranhamento.



Experimentação com objetos relacionais. Intervenção mediada pela estudante Mariane Olimpio no encontro presencial da disciplina Análise e Prática do Estágio Supervisionado III. Profa. Dra. Daniele de Sá Alves na Faculdade de Educação/UFMG. Junho de 2022.

Fonte: Acervo da autora.

A fim de aproximar as experiências com a obra “Estruturação do Self” (1976) proposta por Lygia Clark, foi exibido um trecho do documentário “Arquivo para uma obra acontecimento: entrevista com Suzana de Moraes” (2003 - 2010), onde a entrevistada partilha sua experiência neste trabalho. O filme é interrompido no momento em que Suely Rolnik faz o seguinte questionamento à Suzana: “Em quê, para você, aquilo é uma obra de arte?” (18:24). Nesse momento, o grupo também foi provocado a refletir sobre essa questão.



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Acho que é arte, porque é um modo de expressão (estudante 1, registro do debate desenvolvido em sala de aula. Fundação de Ensino de Contagem/MG, Junho de 2022).

É arte porque tem muito sentimento nisso. E essa é uma obra que provoca sentimento (estudante 2, registro do debate desenvolvido em sala de aula. Fundação de Ensino de Contagem/MG, Junho de 2022).

Essa é uma arte que se aproxima das pessoas e não algo que está distante, como esteve em outros momentos da história. A arte também não tem uma definição única, mas se eu precisasse descrever em uma palavra, seria: experiência (estudante 3, registro do debate desenvolvido em sala de aula. Fundação de Ensino de Contagem/MG, Junho de 2022).

É um outro jeito de fazer arte. Arte não é só um desenho no papel ou uma pintura em um quadro. Isso que estamos vivendo aqui também é arte (estudante 4, registro do debate desenvolvido em sala de aula. Fundação de Ensino de Contagem/MG, Junho de 2022).

O encontro foi encerrado com a leitura coletiva e articulada, das frases distribuídas no começo da aula, onde Lygia traz a ideia do corpo-bicho, como um corpo sensível e mutável diante das inconstâncias da vida, conforme citação abaixo.

Quantos seres sou eu para buscar sempre do outro ser que me habita as realidades das contradições? Quantas alegrias e dores meu corpo se abrindo como uma gigantesca couve-flor ofereceu ao outro ser que está secreto dentro de meu eu? Dentro de minha barriga mora um pássaro, dentro do meu peito, um leão. Este passeia pra lá e pra cá incessantemente. A ave grasna, esperneia e é sacrificada. O ovo continua a envolvê-la, como uma mortalha, mas já é o começo do outro pássaro que nasce imediatamente após a morte. Nem chega a haver intervalo. É o festim da vida e da morte entrelaçadas (CLARK apud ROLNIK, 1998, p.341).

Compartilhando as impressões sobre os encontros, os estudantes também trouxeram importantes contribuições que nos provocam a refletir sobre essa experiência e sobre a dimensão de ensinar e aprender, e da própria escola, que estamos (re)construindo.

Acho que todos nós estávamos esperando ter uma aula comum e foi algo totalmente diferente. Foi bom ter tido outra experiência e parar um pouco para perceber as coisas, para sentir (estudante 5, registro do debate desenvolvido em sala de aula. Fundação de Ensino de Contagem/MG, Junho de 2022).

No campo da arte, como área de conhecimento que é, sentimos ser preciso estudar, pesquisar, aprender, investigar, testar, sentir, experimentar, tocar,



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

ouvir, dançar, riscar, interagir, cantar, fazer, fazer junto e também parar para perceber, daí, inventar.

Considerações: formação em processo

No primeiro encontro da proposição partilhada acima, a configuração das carteiras (não enfileiradas) e os novos objetos dispostos no centro da sala, convocou a ação de outros corpos por parte da turma, embora, ainda, com faces mascaradas e mãos devidamente desinfetadas. O (des)conforto de sentar-se no chão, de tocar-se, de tocar o outro, de explorar os sentidos, não só tencionava a concepção de aula e de sala de aula, mas buscava aquilo que nos é tão caro e, que no período da pandemia, por muitas vezes, foi negligenciado: o corpo. Esse corpo-bicho, sensível, que Lygia tanto provoca. Tal busca potencializa o encontro e nos tornam sujeitos da experiência “abertos à sua própria transformação” (BONDÍA, 2002, p. 26). A proposta também provoca para uma concepção de arte próxima do cotidiano, que é concebida por meio da experiência.

Do mesmo modo que a destituição do objeto como obra para uma apreciação estética por meio da experiência, levou a marginalização de Lygia no mercado da arte, distanciando, por muito tempo, suas obras dos museus e galerias, aproximou-se do espectador. Assim, a professora / artista, ao provocar experiências, valorizando-as mais que o objeto artístico em si, aproxima o estudante da arte e torna-se também artista / propositora, pois como nos ensina o filósofo empirista John Dewey, “a experiência é a arte em estado germinal” (DEWEY, 2010, p. 84). Assim, com a mesma coragem que Lygia encara seu trabalho/fronteira, levando-o às últimas consequências, é necessário que permaneçamos firmes na busca por uma arte educação sensível.

Mais do que nunca, nesse contexto pós-pandêmico, nossos corpos clamam por rupturas sinestésicas, experiências, que nos desloquem, e nos movam a sentir, respirar, tocar, ser tocado, suspirar, arrepiar, interagir, conviver... Fluxos



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

em movimentos heterogêneos e dissonantes que oscilam entre o inspirar e expirar, entre impressões e expressões. Nesse sentido, o próprio processo artístico também é espaço para todo tipo de elaboração de outros tempos mas, sobretudo, da contemporaneidade.

Se "a experiência artista qualifica os modos de aprender e ensinar arte" (ALVES, 2019, p.195), podemos dizer que, assim como o crescente desejo de provocar experiências levou Lygia a explorar fronteiras entre a arte e a clínica, a força da formação entre criar, ensinar e aprender tem nos movido a friccionar arte e educação, provocando pensamentos, percepções, sentidos, investigações em busca de outros modos, outros ângulos, outros sons, outros contrastes, outros atravessamentos, outros, e outros, e outros.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Daniele de Sá. Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas. 2019. 155 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ARQUIVO para uma obra-acontecimento - Entrevista com Suzana de Moraes sobre Lygia Clark. Direção de Suely Rolnik. São Paulo. SESC, 2003 - 2010. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ypVFvPNw3yY&ab_channel=IanAbrah%C3%A3o>

ASSOCIAÇÃO cultural Lygia Clark. Portal Lygia Clark. Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/>>

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, jan./fev./mar./abr. 2002, n. 19 pp. 20 – 28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

CLARK, Lygia. et al. Lygia Clark. 1 ed. França: Editora RMN - Grand Palais, 1998.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2010.

KANTON, Cátia. Do moderno ao contemporâneo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KASTRUP, Virgínia. Educação e invenção em tempos de incerteza. In: VOLZ, Jochen; PRATES, Valquiria (Org.). Incerteza viva: processos artísticos e pedagógicos – 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 1-5.

LAMPERT, Jocielle. Modos de ser professor artista: ou pesquisa em arte e arte educação. In: Maria Gorete Dadalto Gonçalves; Moema Martins Rebouças. (Org.). Modos de ser professor de arte na contemporaneidade. 01ed. Vitória: Editora da UFES, 2017, v. 01, p. 83-100.

MEMÓRIA do corpo de Lygia Clark. Direção de Mário Carneiro. Rio de Janeiro. Studio Line, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c3VU6KtfhSI&ab_channel=JessicaFelizardo>

MINI-CURRÍCULO

Mariane Olimpio Farias é artista visual e educadora. Licencianda em Artes Visuais e bacharel em desenho, ambas pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Daniele de Sá Alves é artista visual e educadora. Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Arte e Cultura Contemporânea pelo PPGARTES/UERJ. Mestre em Museologia



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

e Patrimônio pela PPGPMUS na UNIRIO e bacharel e licenciada em artes visuais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

ⁱ Licenciatura em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais.

ⁱⁱ O estágio supervisionado compõe a grade curricular obrigatória dos cursos de licenciatura conforme a legislação.

ⁱⁱⁱ A proposta de intervenção é um requisito obrigatório, previsto na legislação, para a formação docente em Arte. Assim, o estagiário deve preparar e conduzir uma aula durante o período de estágio curricular.

^{iv} Lygia Pimentel Lins (1920 - 1988) nasceu em Belo Horizonte e tornou-se uma das maiores artistas brasileiras. Iniciando no movimento neoconcretista, junto ao Grupo Frente, Lygia investiga, na maior parte de sua carreira, a relação do espectador com a obra e as potencialidades do objeto como experiência.

^v Lygia passou a nomear o “espectador”, que estabelece uma relação de troca mútua, mediada pelos *objetos relacionais*, como “paciente”. Do mesmo modo, Lygia passou a nomear o espaço onde essas experiências aconteciam como “consultório experimental” (CLARK, 1998).